

EMOÇÃO, MOVIMENTO, TRANSFORMAÇÃO: RESISTÊNCIA ÀS DITADURAS NO CONE SUL

EMOTION, MOVEMENT, TRANSFORMATION: RESISTANCE TO
DICTATORSHIPS IN THE SOUTHERN CONE

EMOCIÓN, MOVIMIENTO, TRANSFORMACIÓN: RESISTENCIA A LAS DICTADURAS
EN EL CONO SUR

Renata Cavazzana da Silva¹

Resenha

WOLFF, C. S. *Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

“As emoções estão, afinal, em movimento [...]” –
Sara Ahmed, 2013.

“*Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul*” conta histórias de mulheres que lutaram contra as ditaduras em Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, entre as décadas de 1960 e 1980, a partir do encontro profícuo dos campos da história das emoções e dos estudos feministas e de gênero. Contestando as fronteiras entre a razão e a emoção, os artigos da coletânea buscam evidenciar os afetos como um dos elementos centrais para a formação dos diversos movimentos sociais nos quais se engajaram as militantes, bem como a importância das emoções para a manutenção da luta organizada contra a ditadura. Cada um dos capítulos analisam o tema através de uma emoção diferente, como amizade, amor, voluntariedade, coragem, medo, riso, luto, solidariedade, maternidade e culpa, raiva e ódio, e, por fim, esperança.

A obra é um dos materiais produzidos ao longo do projeto de pesquisa “*Políticas das emoções e do gênero na resistência às ditaduras no Cone Sul*”², desenvolvido sob a coordenação de Cristina Scheibe Wolff, pesquisadora feminista e professora titular do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), recentemente homenageada pelo Prêmio Mulheres na Ciência 2021, promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq/UFSC). Desde 2004, a trajetória da historiadora tem sido dedicada a pesquisas sobre

¹ Feminista negra. Mestranda em História Global pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH/UFSC). Integrante do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC). O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (132001/2021-7).

² O projeto foi desenvolvido entre 2016 e 2021, com o apoio do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNPq), viabilizado pelo Edital Universal 2016. Além do livro, um material audiovisual foi produzido como recurso didático. Para cada capítulo, há um vídeo correspondente. As produções audiovisuais estão disponíveis gratuitamente no canal do YouTube do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC), que pode ser acessado através do link <https://www.youtube.com/generoehistoria>

gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul, concretizadas por um intenso trabalho colaborativo ao lado de colegas pesquisadoras reunidas em torno do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC).

Durante o projeto, as pesquisadoras que assinam os artigos puderam se debruçar sobre um rico acervo de fontes orais e impressas, que tem sido construído por meio da coleta de entrevistas e publicações feministas (como jornais e boletins) desde investigações anteriores, em um esforço de reunir e organizar documentos em um acervo acadêmico feminista – prática metodológica e política que tem se consolidado no campo da pesquisa histórica (Binah IRE; Janine SILVA, 2019). Dessa forma, o livro pode ser considerado como um dos frutos de mais de uma década de pesquisa coletiva, que viabilizou diversos outros projetos e publicações, como a coletânea “*Mulheres de luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1958)*”, publicada em 2019.³

“*Políticas da emoção e do gênero...*” é um trabalho que dialoga com a “virada afetiva”, a partir de uma crítica feminista. Sem almejar uma definição unívoca das emoções, o objetivo do livro é buscar o que havia de inteligível nos afetos que emergiram das experiências das mulheres que viveram sob a ditadura, refletindo também sobre como as emoções compunham as mobilizações e as estratégias dos movimentos sociais. Nesse sentido, os afetos são compreendidos como forças potencializadoras da ação e como ferramentas epistemológicas para a elaboração de um novo projeto de sociedade. Portanto, as emoções são apreendidas como práticas sociais e culturais, conforme as reflexões da teórica feminista Sara Ahmed (2013). É importante destacar que o livro parte de uma abordagem que não diferencia as categorias de emoção e afeto, escolha que reflete o foco dado à historicização das emoções e a rejeição da noção de emoção como um aspecto universal e essencialista, descolado da realidade social.

Como analisa Mabel Moranã (2012), o afeto modela a relação da comunidade com seu passado, as formas de leitura do presente e a projeção do futuro, em concordância ou oposição aos projetos dominantes, permeando relações intersubjetivas, o doméstico e a intimidade, infiltrando-se em todos os níveis da esfera pública. Ou seja, se o afeto expressa as emoções, estados e modos de ser da subjetividade, conecta indivíduos, espaços e eventos, dissemina energia, desorganiza e desnaturaliza produtivamente o *status quo*, é através do afetar e ser afetado que o sujeito participa de uma dinâmica de interpelação que, longe de ser mecânica ou

³ Todas as publicações do grupo podem ser acessadas gratuitamente no link <http://www.legh.cfh.ufsc.br/publicacoes/>. O projeto “*Mulheres de luta...*” também deu origem a uma série de materiais audiovisuais, disponíveis no mesmo canal do YouTube.

deliberada, se abre imprevisivelmente à criatividade da resistência e da mudança (MORAÑA, 2012). É o que veremos a seguir.

O capítulo que abre o livro, intitulado “‘As pessoas não podem resistir sozinhas’: memórias, amizade e gênero na resistência às ditaduras no Cone Sul” e escrito por Alina Nunes e Lara Lucena Zacchi, aborda a amizade nascida em grupos de reflexão no exílio e no cárcere, como um sentimento que toma forma de luta, resistência e sobrevivência. De acordo com as autoras, amizade é uma emoção voluntária, fruto de escolhas e construções sociais, e também de contextos e gostos, envolvendo um sentimento de identidade com práticas de sociabilidade e trocas, além das opressões, ideias e sonhos compartilhados. Foi a partir de um “nós” feminista que laços duradouros de amizades foram possíveis.

Também o amor foi instrumento de resistência e de luta, como analisa Luisa Dornelles Briggmann, em “Amores revolucionários: casais militantes nas ditaduras do Cone Sul”. A ditadura restringiu as possibilidades de formação de casais entre militantes de esquerda, ao mesmo tempo em que a emergência de um novo modelo de relacionamento, baseado na compreensão, na realização pessoal e na equidade, estimulava o envolvimento romântico entre companheiros e companheiras de luta. Nesse contexto, o amor vinha sempre acompanhado do medo da morte, do desaparecimento e do sofrimento: os casais militantes eram frequentemente submetidos ao que os militares chamavam de “teste do amor”, que consistia no uso da tortura de um companheiro como fonte de tortura psicológica, com o objetivo de extrair informações a respeito das organizações. Entretanto, muitas mulheres relatam que, ao serem submetidas a esse tipo de situação, sentiam-se ainda mais fortalecidas pelo amor, assim como aquelas que continuaram a luta em nome dos companheiros mortos.

Na sequência, Elaine Schmitt e Cristina Scheibe Wolff exploram, em “Voluntariedade na fotojornalismo de Adriana Lestido”, o caráter gendrado das emoções: enquanto mulheres são caracterizadas como voluntárias, os homens considerados sujeitos com força de vontade. Para as autoras, voluntariedade é uma vontade que deseja e contraria as prescrições sociais, movendo-se contra a corrente. E foi essa emoção que levou Adriana Lestido à arte como uma forma de lidar com as dores da perda de Guillermo “Willy” Moralli, militante da Vanguardia Comunista com quem foi casada. A câmera fotográfica se tornou sua ferramenta de resistência diante das violações dos direitos humanos, e a fotografia, uma possibilidade de construção e denúncia.

A voluntariedade exige coragem. Isabela Marques Fuchs e Gabriele Marchioro Gomes contam, em “Coragem, resistência e afetos nas ditaduras do Cone Sul”, tristes atos de bravura de mulheres e homens diante da luta armada e da tortura. Submetidas à violência, as mulheres

que resistiram às ditaduras foram duplamente corajosas ao enfrentar o poder militar e ao transgredir papéis de gênero. As autoras mostram que coragem era exigida não apenas em grandes atos, na luta armada ou na resistência à tortura, mas era também necessária à sobrevivência cotidiana.

Luiz Augusto Possamai Borges, analisando o movimento homossexual paulista, lembra que coragem não significa ausência do medo. Em “Cartografias do medo e das sexualidades dissidentes nas ditaduras do Cone Sul”, aborda o conflito entre a esperança e o medo, que coloca um impasse para aqueles que desejam transformar a própria vida através da ação coletiva. Segundo o historiador, o medo reflete uma situação de vida precária, de incerteza, de ansiedade e está ligado à sobrevivência, como um mecanismo de defesa. Contudo, mina a potência e separa os corpos, tentando impedir a ação, o movimento e, em consequência, a transformação. O uso do medo como ferramenta política e ideológica do Estado impede a liberdade de circular, bem como as redes de afeto e de amizade, imprimindo nos corpos as forças das hierarquias de poder.

Em “O melhor do humor e dos feminismos: o riso feminista na resistência às ditaduras do Cone Sul”, Cintia Lima Crescêncio escreve sobre o riso em tempos sérios. O riso é lembrado pelas mulheres com sentimentos como a raiva, causados por memórias de pequenas traições machistas, como as “brincadeiras” dos companheiros de luta e das charges antifeministas publicadas em jornais como O Pasquim, analisadas pela historiadora como manifestações de violências simbólicas contra as mulheres e uma quebra do pacto democrático. Por outro lado, mesmo que pouco lembrado, o riso feminista sobre o absurdo, entre companheiras, na imprensa alternativa, no humor gráfico feminista, nas memórias das festas e encontros proporcionados pelo feminismo, colocam em xeque o estereótipo de feministas mal-humoradas.

Mateus Gustavo Coelho, em “Transformando luto em luta: o papel do luto como mobilizador na luta contra as ditaduras do Cone Sul” analisa o luto e seu papel mobilizador, que levou muitas mulheres a desafiar os limites entre espaço doméstico e esfera pública. As Mães da Praça de Maio são comparadas a Antígonas da luta contra as ditaduras. De acordo com o filósofo, na medida que a emoção solitária não é uma moção, um movimento – isto é, uma emoção –, o luto é sempre um processo e um sentimento coletivo, posto que ao nos depararmos com a morte e a nossa própria finitude, instala-se um desejo de mudança.

Em “Afetos construídos: solidariedade na resistência às ditaduras do Cone Sul”, Kelly Cristina Teixeira e Tamy Amorim da Silva refletem sobre a solidariedade como um ato, uma intervenção na realidade, uma forma de resistência que se expressa em propostas políticas e práticas coletivas racionalizadas, sendo a emoção um conjunto de movimentos afetivos que

produzem ações. A despeito da cultura do medo como uma prática política produzida pelo Estado, a solidariedade foi exercida cotidianamente, à margem da lei das ditaduras por organizações como a Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay (CODEHUP) e o Movimento Feminino pela Anistia, núcleo de Minas Gerais. A solidariedade é um afeto potencializador do movimento, pois significava seguir impulso de participar, de fazer algo, apesar do risco constante.

A partir de um distanciamento do julgamento moral, Athaysi Colaço Gomes e Laíza Fuckner Molmelstet, analisam a culpa, enquanto um sentimento cristão, e sua relação com a maternidade, mobilizada como ferramenta de repressão pelos agentes da ditadura em “‘Quem me leva os meus fantasmas?’: Culpa e maternidade nas ditaduras do Cone Sul”. Como analisam as autoras, os discursos militares defendiam ideais de sociedade conservadores e coloniais, baseados na imposição da performance dos estereótipos de gênero em construção pela cisgeneridade. Nesse sentido, era fundamental o ideal da mulher como dona de casa, esposa e mãe, em oposição às mulheres que estavam identificadas com a resistência à ditadura, vistas como uma ameaça à estabilidade das normas de gênero, à família e à pátria. Entretanto, os discursos normativos de sacralização do relacionamento entre mãe/filhas foram deliberadamente negligenciados pelos torturadores: separavam mães e filhas, torturavam crianças e as utilizavam como moeda de troca para extrair informações das militantes sobre as organizações de que faziam parte.

“A potência da raiva e os efeitos do ódio político nas narrativas sobre as ditaduras no Cone Sul”, de Ale Mujica Rodriguez, Aline Dias dos Santos e Morgani Guzzo, aborda as potências da raiva como uma emoção coletiva e sobre os usos políticos do ódio pela ditadura. A partir de marcos teóricos do feminismo negro, as autoras analisam a raiva como um sentimento que marca a identificação das mulheres com o feminismo. O “nós” feminista se constrói com a percepção e a identificação com a raiva da outra, mediada pela dor. A resposta à dor exige a raiva na elaboração de um sentido para mover-se contra a dor, para pôr fim a esse ultraje. Por outro lado, o ódio é a fúria que promove a exclusão, cuja finalidade é a morte e a destruição.

Cristina Scheibe Wolff e Vera Fátima Gasparetto, em “Esperança Equilibrista: emoções e gênero nas lutas contra as ditaduras no Cone Sul”, delineiam a presença da esperança em todos os movimentos políticos, analisando que, sem essa emoção, não há razões para lutar e os objetivos políticos são perdidos. A esperança marcou discursos e símbolos das esquerdas, sendo força motora dos sonhos, das utopias e das lutas dos movimentos sociais contra a ditadura e por

um mundo melhor. Dessa forma, a esperança surgia de um projeto de futuro e se transformava em uma ação no presente.

Para pesquisadoras e leitoras que desejam se aprofundar mais no debate sobre gênero e emoções, o texto “Gênero, emoções e afetos na política”, assinado por Cristina Scheibe Wolff encerra a coletânea abordando as questões teóricas e epistemológicas que conduziram a pesquisa.

“*Políticas das emoções e do gênero...*” nos mostra que escrever uma história das emoções a partir de uma análise de gênero exige um olhar novo, muito diferente do que estamos acostumadas. Dessa nova perspectiva, a história pode ser contada de maneira muito mais humana, trazendo à tona um aspecto significativo das lutas contra as ditaduras, ignorado por boa parte da historiografia: as emoções, silenciadas pelo contexto da repressão e dificilmente nomeadas pela história.

Como analisa Sara Ahmed (2013), as emoções não existem por si só, mas são informadas pela cultura, delineadas por histórias e memórias e, portanto, são aprendidas. Embora esse conhecimento seja certamente corporificado, o sentir está sempre mediado pela história, de modo que dizer o que alguém sente diante de determinado objeto, é dizer quem é essa pessoa. Nesse sentido, as emoções analisadas estão bem apresentadas e articuladas ao contexto histórico, assim como a expressão dos afetos são enquadradas nas experiências das mulheres a partir de uma análise de gênero. Esse esforço de historicização das emoções, combinados às fontes orais e fotográficas apresentadas no livro, conferem ainda maior impacto às histórias contadas.

Apesar do evidente cuidado com o caráter histórico e contingente das emoções, a grande maioria dos artigos ignoram as implicações da raça em suas análises, compreendendo o gênero como a diferença fundamental das relações sociais, e as experiências das mulheres brancas como suficientes para explicá-la. Entretanto, como critica Lélia Gonzalez (2021), a razão é branca, enquanto a emoção é negra. De acordo com a filósofa, ainda na década de 1980, feministas negras foram apontadas por serem “emocionais” ao se indignarem e levantarem suas vozes contra o racismo e o sexismo. Apesar disso, a emoção e a subjetividade atribuídas à militância dessas mulheres foram apropriadas pelo discurso feminista negro, de modo que não implicaram a renúncia à razão, mas, ao contrário, consistiam em uma forma de torná-la mais concreta e humana, e menos abstrata e metafísica (GONZÁLEZ, 2021).

Mais recentemente, teóricas feministas da “virada afetiva”, como Helena López (2014), têm também constatado que as emoções são uma instância epistemológica, que provém da racionalidade e exigem uma reelaboração produtiva para se ativar como uma ação

transformadora. A partir desse quadro, evocando a emoção nas lutas contra as ditaduras no Cone Sul, o livro “*Políticas das emoções e do gênero...*” evidencia que o uso das emoções é um meio indispensável e potencial para o pensamento e os movimentos sociais, especialmente em um contexto em que a morte e a tortura têm sido normalizadas. Dessa forma, prova que o afeto é um aspecto fundamental para a compreensão e transformação do mundo. Não há razão pura na construção de uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS

AHMED, S. *The cultural politics of emotion*. [s. l.], p. 1–224, 2013. Available at: <https://doi.org/10.4324/9780203700372>.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. *Lélia Gonzalez, Por um feminismo afro-latino-americano*. Ensaios, intervenções e diálogos. 2020.

IRE, Binah. SILVA, Janine Gomes. O acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História – LEGH: pesquisas e histórias feministas. DE MELLO, Soraia Carolina; ZANDONÁ, Jair; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). *Mulheres de luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)*. Editora Appris, 2019.

LÓPEZ, Helena. Emociones, afectividad, feminismo. SABIDO, Olga. GARCÍA, Adriana (eds.) *Cuerpo y afectividad en la sociedad contemporánea*. México: UAM-A, 2014: 257-275. ISBN: 978-607-28-0261-2.

MORAÑA, Mabel. El afecto en la caja de herramientas. In: MORAÑA, Mabel y PRADO, Ignacio M. S. (eds.) *El lenguaje de las emociones*. Madrid: Iberoamerican, 2012. P. 313-338.

WOLFF, C. S. *Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

*Enviado em 7 de março de 2022.
Aprovado em 28 de abril de 2022.*